

A LITERATURA DE CORDEL: UM OLHAR CRÍTICO ACERCA DA AÇÃO HUMANA

Juliane da Silva Messias Santos

Universidade Federal de Campina Grande
jumessiass12@gmail.com

A literatura de cordel, por muito tempo, enfrentou o fato de não conseguir ser definida por meio de características peculiares ao gênero literário, sem padronização na forma, temáticas, número de páginas, tipos de impressão, ficou difícil conceber um molde para tal composição. Todavia adquiriu normas de composição, mediante um formato fixo estabelecido por dois cordelistas no final do século XIX. Também chamada de poesia popular, o cordel tem ao seu alcance diversas temáticas como: avarezas e espertezas, histórias com os animais, aventuras, tragédias e mortes, viagens fantásticas, relatos históricos, temas sociais, entre outras que permeiam o universo popular, e dessa forma, representam a história do povo e atraem um maior número de ouvintes e leitores. Apesar do grande leque temático utilizado pelos mais diversos cordelistas, a presença da crítica social mostrou-se contundente em alguns poetas, e tendo percebido esse viés na poesia de Antônio Francisco, objetivou-se nesse trabalho, analisar dois cordeis desse poeta, uma vez que, seus versos apresentam o viés da crítica social, destacando a necessidade do cuidado para com a Natureza e a tomada de consciência do próprio ser humano. Elaboramos ainda uma proposta metodológica para ser desenvolvida em sala de aula a partir do trabalho com os versos do poeta. Visitar a obra de Antônio Francisco nos convida a esse exercício constante de autocrítica e de crítica social, sem perder de vista a dimensão da sensibilidade poética, o que certamente o posiciona como autor cordelista de grande relevância na contemporaneidade. Fazê-lo conhecido entre toda uma nova geração de leitores, certamente contribuirá para a construção de uma consciência coletiva, permeada por sensibilidade e respeito aos animais e a natureza de maneira geral. Para tanto nos fundamentaremos nas teorias de autores como Abreu (1999), Ayala (2010), Marinho (2012), dentre outros, no que corresponde a Literatura de cordel e suas características, bem como no auxílio da análise da temática abordada nos folhetos.

Palavras-chave: Literatura de Cordel, Antônio Francisco, Crítica social, Conscientização.

1. Introdução

A literatura de cordel, por muito tempo, enfrentou o fato de não conseguir ser definida por meio de características peculiares ao gênero literário, sem padronização na forma, temáticas, número de páginas, tipo de impressão, ficou difícil conceber um molde para tal composição. Tal fato possivelmente contribuiu para seu engrandecimento e a fez ressurgir anos após anos despertando variadas perspectivas, seja do cômico, do crítico/reflexivo, do satírico, do fantástico entre outros.

No nordeste a Literatura de cordel ocupou seu espaço no final do século XIX, tendo como precursores os poetas populares Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista, os quais também foram segundo Abreu [1999?] “os fixadores das normas de composição de folhetos adotadas até hoje”. Diferentemente de como era conhecido, no nordeste, o cordel se consolidou “possuindo formato fixo e específico no qual predomina

sextilhas com versos setessilábicos, ou redondilha maior, em um esquema de rimas ABCBDB, e em alguns casos, estrofes de sete versos setessilábicos com rimas em ABCBDDDB.” (ABREU, 1999, p.83).

Também chamada de poesia popular, o cordel tem ao seu alcance diversas temáticas como: avareza e espertezas, histórias com os animais, aventuras, tragédias e mortes, viagens fantásticas, relatos históricos, temas sociais, entre outras que permeiam o universo popular, e dessa forma, representa a história do povo e atrai um maior número de ouvintes e leitores.

Os cordéis, em sua grande parte, têm origem nas próprias reflexões dos autores acerca da sua realidade social imediata. É a partir do conhecimento ou da crítica ao seu próprio meio social que o escritor afirma a sua identidade popular e atinge uma parcela de leitores/ouvintes que se identificam com sua produção, uma vez que esta geralmente versa sobre aspectos comuns da vida social e desperta a identificação de inúmeros leitores, conforme Ayala (2010, p.55):

A leitura de folhetos, para os leitores antigos, como veremos, preenche até hoje, o universo de expectativa de seu público: de um lado, os acontecimentos locais, regionais, nacionais e internacionais, eram versados e adaptados a uma linguagem poética que ainda satisfaz os leitores e ouvintes dessa poesia. Por outro lado, todo um conjunto de histórias tradicionais povoadas por seres e situações imaginárias, de certo modo mescla a fantasia ao real, a ponto de o sofrimento, as provas a que são submetidos os heróis, fazerem os ouvintes e leitores refletir sobre a sua difícil realidade (...). (AYALA, 2010, p.55)

A linguagem simples, não erudita, caracteriza esse tipo de literatura e contribui para a boa aceitação de obras dessa natureza. Outro fator importante a se destacar é que esse é um processo dialético, na medida em que os autores tanto influenciam, quanto recebem influência do seu meio social, traduzindo-o, ressignificando-o a partir de um viés crítico que, por muitas vezes, assume a característica de denúncia social. Escritores como Machado de Assis na Prosa, Leandro Gomes de Barros e Patativa do Assaré na poesia cordelista, demonstram como arte e crítica social se misturam, de tal forma, que muitas vezes é impossível diferenciar uma da outra.

A escolha por fazer crítica social através da Arte, portanto, é o que caracteriza todo um grupo de autores que optaram por transformar o mundo em que vivem a partir da sua própria escrita e assim convocar também os seus leitores a um despertar de consciência e um senso crítico mais refinado acerca de suas próprias realidades.

Enquanto ramo da Literatura Popular, a Literatura de Cordel, caracteriza-se também pela utilização de linguagem simples, eivada por elementos da vida cotidiana e ainda mais aproximada da vida comum, uma vez que recorre a memorização e o resgate das tradições

orais e da versificação, o que permite a inclusão de todo um grupo de pessoas que não dominam a escrita. Acerca disso, Abreu [1999?] afirma que:

A versificação, segundo as regras já apresentadas, parece ser a mais fundamental das alterações introduzidas, pois adequa textos produzidos no interior da cultura escrita, para os padrões oralizados da literatura de folhetos, permitindo sua compreensão e memorização por parte das comunidades nordestinas, imersas em situações de oralidade menos ou mais marcadas. As histórias originais oferecem dificuldades para o público popular pelas características sintáticas e lexicais específicas de um texto escrito. (ABREU, 1999?)

Apesar do grande leque temático utilizado pelos mais diversos cordelistas, a presença da crítica social mostrou-se contundente por alguns poetas, e tendo percebido esse viés na poesia popular de Antônio Francisco buscou-se adiante compreender e analisar seus versos. O objetivo desse trabalho é analisar dois cordeis do poeta cordelista Antônio Francisco, uma vez que a sua arte se presta de forma brilhante a fazer uma belíssima crítica social, destacando a necessidade do cuidado para com a Natureza e a tomada de consciência do próprio ser humano, que diversas vezes tem agido como seres irracionais, como também desenvolver uma proposta metodológica de aula, tendo em vista um dos cordeis analisado.

2. O viés crítico na poesia de Antônio Francisco:

Antonio Francisco atua como recitador, se apresentando em várias regiões do Brasil. Memorizando a maioria de seus cordéis, o poeta consegue envolver o público pela sua simpatia e afeto. Ele vem se destacando como um dos nomes mais importantes da Literatura de Cordel brasileira da contemporaneidade. Em seus folhetos, o poeta, ao representar os problemas sociais, as relações entre os sujeitos, a desarmonização do homem no mundo capitalista, as desigualdades de classes, entre outros aspectos, também reveste o poema de lirismo e humor, construindo imagens a partir de recursos estéticos, como a metáfora e a personificação.

Cordel: “Os sete constituintes”

Personagens: Narrador personagem e Os animais (Porco, cachorro, cobra, burro, rato, morcego e vaca)

Resumo: Trata-se de um testemunho do narrador, enquanto se abrigava num pé de juazeiro, ouviu uma reunião em que os bichos apresentavam seus pontos de vista com relação às atitudes dos seres humanos, como pode ser evidenciado nas falas a seguir:

O porco dizia assim:
-“Pelas barbas do capeta!
Se nós ficarmos parados
A coisa vai ficar preta...
Do jeito que o homem vai
Vai acabar o planeta.

Já sujaram os sete mares
Do Atlântico ao mar Egeu,
As florestas estão capengas,
Os rios da cor de breu
E ainda por cima dizem
Que o seboso sou eu.

Os bichos bateram palmas,
O porco deu com a mão,
O rato se levantou
E disse: – “Prestem atenção,
Eu também já não suporto
Ser chamado de ladrão.

O homem, sim, mente e rouba,
Vende a honra, compra o nome.
Nós só pegamos a sobra
Daquilo que ele come
E somente o necessário
Pra saciar nossa fome.”

Palmas, gritos e assovios
Ecoaram na floresta,
A vaca se levantou
E disse franzindo a testa:
– “Eu convivo com o homem,
Mas sei que ele não presta.

É um mal-agradecido,
Orgulhoso, inconsciente.
É doido e se faz de cego,
Não sente o que a gente sente,
E quando nasce é tomando
A pulso o leite da gente.

Entre aplausos e gritos,
A cobra se levantou,
Ficou na ponta do rabo
E disse: – “Também eu sou
Perseguida pelo homem
Pra todo canto que vou.

Pra vocês o homem é ruim,
Mas pra nós ele é cruel.
Mata a cobra, tira o couro,
Come a carne, estoura o fel,
Descarrega todo o ódio
Em cima da cascavel.

É certo, eu tenho veneno,
Mas nunca fiz um canhão
E entre mim e o homem,
Há uma contradição
O meu veneno é na presa
O dele é no coração.

Entre os venenos do homem,
O meu se perde na sobra...
Numa guerra o homem mata
Centenas numa manobra,
Inda tem cego que diz:
Eu tenho medo de cobra.”

No início do cordel o autor apresenta as características do sertão, exaltando a beleza do pé de juazeiro, que deixa claro ser um símbolo de resistência, fazendo uma comparação ao próprio povo sertanejo.

O enredo se passa no pé de juazeiro onde ocorre toda reunião descrita. Percebemos o tom crítico do autor, ao descrever cada incômodo que assola os animais, percebemos que a maioria deles são de convivência humana, que o homem domina, domestica. Todavia são os animais que tem noção, consciência do que o ser humano (animal) tem feito com a natureza, devastando todo o mundo. O autor consegue inverter os papéis do animal com o humano, o que torna lúdico alguns versos.

Mas, o morcego notando
Que ia acabar a paz,
Pulou na frente do burro
E disse: – “Calma, rapaz!...
Baixe a guarda, abra o casco,
Não faça o que o homem faz.”

No folheto de Antonio Francisco em questão, tendo como pano de fundo a crítica social, o poeta a reveste de humor. Como é evidenciado na fala do cachorro:

“Eu nunca vou entender
Porque o homem é assim:
Se odeiam, fazem guerra
E tudo quanto é ruim
E a vacina da raiva
Em vez deles, dão em mim”.

No desfecho o autor confirma o que ouviu dos animais, contribuindo com mais algumas críticas quando olha o local da reunião que estava limpo e admite que os bichos zombaram do comportamento humano. O autor encerra o cordel trazendo uma lição de moral, quando diz que ao andar pela rua, observa que os bichos tinham razão, pois a sujeira humana está por toda parte, e o homem continua não preservando o que há de mais belo – a natureza.

Eu disse olhando as pegadas:
Se essa reunião
Tivesse sido por nós,
Estava coberto o chão
De piubas de cigarros,
Guardanapo e papelão.

Botei a maca nas costas
E saí cortando o vento.
Tirei a viagem toda
Sem tirar do pensamento
Os sete bichos zombando
Do nosso comportamento.

Hoje, quando vejo na rua
Um rato morto no chão,
Um burro mulo piado,
Um homem com um facão
Agredindo a natureza,
Eu tenho plena certeza:
Os animais têm razão.

Análise do Cordel “Aquele dose de amor”

Autor: Antônio Francisco

Personagens: Narrador personagem e o velhinho

Resumo: Conta o relato de um personagem que ao andar ao redor de onde mora, atirou em uma ave, todavia ao ir encontrá-la caída adiante, encontrou com um velhinho que surge e o oferece pão, caso o motivo para matar ave, seja fome. A partir de então o enredo gira em torno de uma conversa entre os dois personagens, o velhinho remete-se a algo divino, com sábias palavras ele deixa o homem reflexivo.

Nas primeiras estrofes o autor descreve seus afazeres, e por ser humano pratica ações que adiante serão questionadas. Observemos a natureza do homem:

Um certo dia eu estava
Ao redor da minha aldeia
Atirando nas rolinhas,
Caçando rastros na areia,
Atrás de me divertir
Brincando com a vida alheia.

Eu andava mais na sombra
Devido ao sol muito quente,
Quando vi um juriti
Bebendo numa vertente.
Atirei, ela voou.
Mas foi cair lá na frente.

Em seguida o velhinho surge na história e explica que a culpa é dele, de não ter botado a dose de amor naquele coração, por isso o homem ser tão egoísta, por isso agredir a natureza sem precisão. O autor faz uma crítica tanto ao fato do homem não respeitar a natureza, como também de pertencer à natureza humana essa maldade contida nos seus atos.

O velho disse: - “É normal
Esse orgulho do senhor
E todo egoísmo
Que tem no interior.
É porque falta no peito
Aquela dose de amor.

Se eu tivesse botado
Ela no seu coração,
Você jamais mataria
Um pardal sem precisão,
Nem dava um tiro num pato
Apenas por diversão.”

A partir desses versos, o homem quis saber dessa história de “dose de amor” e pediu pra que o velhinho lhe contasse, desta forma ele inicia a história, deixando o leitor atento a quem pertence a imagem desse velhinho;

O velho disse: - Pois não
Vou explicar ao senhor
Porque mesmo sem querer
Sou o maior causador
De hoje em dia o ser humano
Ser tão carente de amor.

me pediu prá lhe ajudar
no último dos animais.

Isso tudo aconteceu
há muitos séculos atrás
quando meu pai fez o mundo
terras, mares, vegetai

Pai me disse: -Filho eu fiz
da formiga ao pelicano
botei veneno na cobra
bico grande no tucano
agora estou terminando
este animal ser humano.

Mas ficou meio sem graça
este animal predador
o couro não deu prá nada
Por isto que eu lhe chamei
prá você lhe consertar
botar mais amor no peito

a carne não tem sabor
na cabeça tem juízo
Mas no peito pouco amor.
lhe ensinar a amar
e tirar desta cabeça
o desejo de matar.

O cordel revela um criador que tem o ser humano como animal, sua essência é instintiva para matar e por isso precisa dessa dose de amor, como uma cura para um ser dotado de maldade.

Esse bicho inteligente
com esse ódio profundo
com pouco amor nesse peito

não vai parar um segundo
enquanto não destruir
a última célula do mundo

As últimas estrofes trazem um conhecimento histórico de mundo, relatando as perversidades do homem nesta terra. Tece crítica ainda a religiosidade ao ter praticado crimes em nome de uma fé.

Sem ela vocês humanos
não sabem dar sem pedir
viver sem hipocrisia
ficar por traz sem trair
nem distante do poder
nem discutir sem mentir.

e perseguiram os hereges
usando o nome de Deus.

Sem ela vocês trucidam
e batizam os crimes seus
na era medieval
queimaram bruxos e ateus

Sem ela foram pra África
e fizeram a escravidão
com grilhões do preconceito
escravizaram o irmão
Com a espada na cintura bíblia
e uma bíblia na mão.

Como veremos na análise dos trechos a seguir, Clotilde Tavares (2011, p. 11) relata no prefácio de um dos livros de *Minha obra é um cordel*, que o poeta Antonio Francisco é:

Dono de um rico imaginário, povoado de metáforas sobre a condição humana, seus poemas nos levam a outras paragens de onde, distanciados, podemos observar esta nossa vida errada e desastrosa neste planeta, a destruir a natureza, a semear o desentendimento, a não praticar o amor. A despeito disso, os poemas sempre são concluídos com uma nota límpida e clara de esperança, nos fazendo acreditar que esse mundo velho sem porteira, mesmo todo errado e troncho, ainda tem jeito.

O desfecho traz um tom de reflexão e arrependimento, praticamente uma aceitação daquelas palavras de sabedoria e ensinamento. Como um manual de salvação à humanidade.



VII ENLIJE

E eu fiquei ali em pé
coçando o queixo com a mão
pensando se era verdade
as frases do ancião
ou se tudo aquilo era fruto
de minha imaginação.

E naquele mesmo instante
vi passando na estrada
a juriti que eu chumbei
com uma asa quebrada
mas não tive mais coragem
de atirar na coitada.

Joguei fora a espingarda
voltei olhando pro chão
procurando aquela dose
nos troncos do algodão
prá guarda-la com carinho
dentro do meu coração.

Se acaso algum de vocês
tiverem a felicidade
de encontrarem aquela dose
eu peço por caridade
Derramem todo o sabor
Daquela dose de amor
No peito da humanidade.

3. Proposta Metodológica:

Conteúdo: Cordel

Texto literário: Os sete constituintes (Os animais tem razão) de Antônio Francisco.

Público alvo: Alunos do 7º ano do Ensino Fundamental.

Objetivos:

Proporcionar aos alunos uma aproximação mínima com o a leitura de cordel;

Possibilitar por meio da leitura, a reflexão crítica acerca da preservação da natureza e a consciência dos atos do ser humano;

Procedimentos didáticos:

Iniciamos com uma proposta de quatro aulas – primeiro encontro, duas aulas (1h e 40 min), divididas em dois momentos: No primeiro, levaremos cópias do cordel “Os sete

(83) 3322.3222

cordel@enlije.com.br

www.enlije.com.br





VII ENLIJE

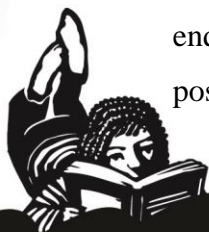
constituintes (Os animais tem razão)” para ser lido em sala de aula, no intuito de aproximar o aluno da leitura do folheto. É necessário algumas leituras orais do folheto, visto que a leitura em voz alta se faz necessário para encontrarmos o tom do texto. A professora pode mediar esse momento estimulando a participação efetiva dos alunos, como também trazendo contribuições acerca da temática. É importante o diálogo nesse momento, perguntando aos alunos: Se alguma vez já leu um cordel? Se alguém lembra sobre o que falava o cordel? Se tem algum em casa, do pai, mãe, avó? Se já realizaram alguma atividade na escola com esta literatura? E a partir disso, aproximar o aluno do gênero literário, tendo em vista que muitas vezes os alunos não lêem em casa ou no âmbito escolar por falta de estímulos.

No segundo momento a professora pode suscitar reflexões dos alunos com questionamentos como: Já viram alguma vez o ser humano fazer uma das ações mencionadas pelos bichos? Vocês concordam com a opinião dos animais? O que o homem pode fazer pra modificar esse olhar que recai sobre ele? Dentre outras. A partir de então, é importante abrir espaço aos comentários sobre o texto, no qual o professor consciente do seu papel enquanto mediador lança questionamentos, e chama atenção para aspectos que facilitem a compreensão e que motivem os alunos a se expressarem. Segundo Bordini e Aguiar (1988, p.97) “a atitude receptiva se inicia com uma aproximação entre texto e leitor, em que toda a historicidade de ambos vem à tona. As possibilidades de diálogo com a obra dependem do grau de identificação do leitor em relação a ela (...)”.

Ao final das aulas, a professora poderá sugerir aos alunos, outras leituras de cordel com temáticas semelhantes, proporcionando a prática de leitura fora da sala de aula, bem como a formação de leitores críticos.

Segundo encontro (duas aulas – 1h e 40 min.): Inicialmente a professora retomaria a aula anterior, como por exemplo: se houve algum falto novo que os alunos tenham pensado, ou se existe alguma dúvida e/ou curiosidade sobre como surgiu o cordel, onde era vendido ou acerca do autor do folheto lido... e, em seguida poderia propor a realização do jogo dramático, ou seja, a encenação do cordel estudado. Juntamente com a turma, dividiria o cordel em cenas, elegia os personagens animais e os demais dramatizariam cada cena narrada. Entendamos!

Cena 1: Montar o cenário (com o material que melhor se adequar) com as descrição dos primeiros versos e as sete primeiras estrofes seriam reproduzidas por um personagem, enquanto outro aluno narra a história. Uma ideia seria fazer no espaço aberto da escola, onde possa ter terra, árvore, dentro outros elementos mais realistas que comporiam o cenário.





VII ENLIJE

Cena 2: A reunião dos bichos embaixo da árvore. Recriar os bichos que tem voz no folheto, atribuindo cada um aos alunos, enquanto em outro ponto do cenário, concomitantemente, poderia ser dramatizado pelo restante da turma, a crueldade praticada pelos humanos, o que os bichos relatam.

Cena 3: Após o fim da reunião dos bichos, o personagem acorda do sono no pé de juazeiro e sai em direção ao seu rumo, refletindo tudo o que “ouviu” durante a noite naquela árvore e encerra como no folheto, deixando para os ouvintes da peça, a lição de moral que o homem não tem razão nenhuma de reclamar dos bichos, enquanto não olhar para dentro de si e ver a podridão que é, além de reconhecer suas práticas ‘desumanas’ - o homem continua não preservando o que há de mais belo – a natureza!

Acreditamos que a realização da atividade proposta – encenação do folheto – contribuirá para a memorização do enredo, aproximação do cordel/da arte e o desenvolvimento de habilidades exploradas pelo jogo dramático. Como afirma Marinho (2012, p.130) “Uma atividade agradável e que recupera a capacidade da criança e do jovem de fantasiar, recriar a realidade, é a realização de *jogo dramático*.” Uma ótima ideia seria desenvolver essa atividade em Amostras Pedagógicas ou alguma apresentação para escola, estimulando o contato da literatura popular com um público ainda maior, a comunidade escolar, quiçá a sociedade em geral (familiares e visitantes da comunidade exterior à escola).

4. Considerações finais

Visitar a obra de Antônio Francisco nos convida a esse exercício constante de autocrítica e de crítica social, sem perder de vista a dimensão da sensibilidade poética o que certamente o posiciona como autor cordelista de grande vulto e relevância na contemporaneidade. Fazê-lo conhecido entre toda uma nova geração de leitores certamente contribuirá para a construção de uma consciência coletiva permeada por sensibilidade e respeito aos animais e a natureza de maneira geral.

Analisar o cordel de Antônio Francisco nos traz a dimensão social enxergada pelo autor, ele narra de forma lúdica uma reunião dos animais, mas com cenas permeadas de fatos que observamos no nosso dia a dia, a ação do homem retratada é real, dessa forma nos sentimos parte do contexto do cordel e convocados a repensar nossas atitudes perante os animais e a natureza.





VII ENLIJE

Em síntese, o presente trabalho constitui um esboço preliminar de uma intervenção a partir da elaboração de uma proposta de metodologia que englobe duas etapas, a aproximação e estudo da literatura popular e a realização de uma peça teatral. Para tanto, exploramos um elemento que entendemos ser de suma importância para a facilitação do processo de ensino da literatura, ou seja, a temática de cunho crítico-social, visto que esta faz parte do dia a dia do ser humano. Essa proposta não pode ser vista como acabada, mas estará sempre aberta às necessidades de modificações que eventualmente surgirem durante a sua aplicação.

Julgamos que o jogo dramático, em especial, constitui-se meio privilegiado para a articulação da leitura literária – cordel – mediada pelo docente, que compreendemos como fatores indispensáveis no processo de mediação, interação e constituição de sujeitos leitores e críticos.

Referências

ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999. (Col. *Histórias de Leitura*).

_____. Pobres Leitores. Disponível em:

<<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/marcia.html>> Acesso em: 22 de Jul. de 2018; às 20:00hs.

AYALA, Maria Ignez Novaes. *Abc, folheto, romance ou verso: a literatura que se quer oral*. *Graphos*. João Pessoa, Vol. 12, N. 2, Dez./2010.

BORDINI, Maria Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998. p. 62-80.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. *O cordel no cotidiano escolar*. São Paulo; Cortez, 2012.

MELO, Antonio Francisco Teixeira. Os sete constituintes: os animais têm razão. In: *Dez cordéis num cordel só*. Mossoró; Ed. Queima Bucha, 2006.

